



HARTMANN, Luciana. Performances da mentira entre contadores de “causos” tradicionais. Brasília: UnB, Professor Adjunto Depto. de Artes Cênicas – PPG-Arte (Programa de Pós-Graduação em Arte).

Resumo

Em diversas comunidades rurais situadas na região da fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai, narradores tradicionais, conhecidos como “contadores de causos” ou “cuenteros”, utilizam a mentira como estratégia para suas performances. Sua legitimidade como narradores está relacionada ao uso que fazem dessa estratégia, mantendo a coerência e respeitando os códigos expressivos de seus grupos. Esta comunicação pretende debater como as tradições narrativas locais se constroem a partir de diferentes processos de seleção e transformação dos saberes e experiências vividas, ouvidas e/ou imaginadas, ou seja, como são performatizados o esquecimento e a mentira. Estas questões serão abordadas a partir de observações oriundas de pesquisa de campo realizada na região.

Palavras-chave: performance narrativa; mentira; tradição oral; narradores tradicionais

Abstract:

In many rural societies around Brazilian, Argentinian and Uruguayan borders, traditional storytellers, known as ‘*contadores de causos*’ or ‘*cuenteros*’, uses the lie as device for its performances. Their recognition as storytellers its related to the use that they make of this devices, articulated with the question of the cultural memory to be preserved and transmitted. This work displays how this memory is articulated with the process of the selection and change of the life’s facts and events, at this, how the forgetfulness and the lie are performatized. These questions will be considered from observations deriving of field research in these borders.

Key-words: narrative performance; lie; oral tradition; traditional storytellers

Este artigo não é um sobre a mentira. É um artigo sobre a ironia, a brincadeira, a dúvida que se instaura nos eventos narrativos nos quais “verdades” (sim, com aspas) são contadas por narradores tradicionais da fronteira sul do Brasil.

Quando comecei minha pesquisa etnográfica, não imaginava a forte relação que existia entre “contar causos” e “contar mentiras”. A mentira se confunde com a própria definição dos causos, mas os universos de realidade e ficção neste contexto estão tão imbricados que comumente o “causo” designa ambos. E assim como uma grande mentira é valorizada, uma grande verdade, um “acontecimento real”, um “fato histórico”, devidamente justificado, também tem sua importância no âmbito desta comunidade narrativa. As mentiras não

apenas fazem parte deste universo lúdico e de humor, como também ajudam a construir, com conotação de verdade, a identidade desejada pela comunidadeⁱ. Como diz o antropólogo argentino Adolfo Colombres (1998:17), em toda tradição oral que atravessa o tempo há um fundo de verdade: “Porque la verdad no es solo una propiedad de los acontecimientos: también el imaginário social está expresando una verdad.”

Causo é o gênero narrativo que designa, para a população local, toda e qualquer narrativa oral, com começo, meio e fim. No entanto, há diversos subgêneros êmicos, como os causos de guerra, os causos de assombro, os causos de enterro de dinheiro, os causos “picantes” (obscenos) e as anedotas, entre outrosⁱⁱ. Todos esses causos podem ser apontados pela audiência, antes ou durante a narração, como uma mentira.

Assim que iniciei a pesquisa comecei a me deparar com causos que eram introduzidos ou concluídos dessa maneira:

“Dito verídico e contado!”

“Ele conta, diz que foi verdade.”

“Contando parece mentira, mas é verdade.”

Ou simplesmente: “Éééééééé verdade...”, como costumava falar o Gaúcho Pampa, contador reconhecidíssimo na região, com 101 anos à época.

A mentira, portanto, era aludida através de sua negação, por meio dessas pequenas fórmulas utilizadas como estratégias narrativas que indicavam ao ouvinte o registro semântico no qual a história deveria ser compreendida. Apesar disso, nunca me questioneei se estava ouvindo verdades ou mentiras. Interessava-me a riqueza narrativa e performática daqueles contadores e daqueles eventos. Agora, anos depois, percebo que para poder ingressar, participar e compreender os múltiplos significados de “verdade” e “mentira” naquelas fronteiras tive que passar por um processo de aprendizagem. Uma aprendizagem como ouvinte. Uma aprendizagem que me ensinou a rir na hora certa, a desconfiar quando era preciso, a desprezar as certezas e, fundamentalmente, a usufruir dos “mundos possíveis” materializados nos causos.

Causo ou mentira?

Nesta região de fronteira é consenso que o causo se trata de um episódio vivenciado pelo próprio contador ou ouvido por este: “Tem uma história engraçada que eu conto, que aconteceu comigo... Claro, cada vez que eu conto eu aumento mais um pouco. (...) Mas no fim, claro... assim que conta, né.” (Seu Antônio, 36 anos - Uruguaiana) Embora, conforme seu Antônio, notoriamente o causo contenha o exagero – ou “alargamento da verdade”, como propõe Bauman (1986: 21) – frequentemente ele é também uma narrativa pessoal (“a gente aumenta mas não inventa”), com todos os dispositivos retóricos e estilísticos que esta supõe, como o uso da primeira pessoa, referências a elementos ou pessoas reais, indicação concreta de

tempo e espaço, etc. . Em artigo intitulado “Oral Tradition: Do Storytellers Lie?”, Isidore Okpewho procura compreender as estratégias utilizadas por narradores Ijo, da região sul da Nigéria, ao contarem narrativas épicas locais. O autor identifica, dentre essas estratégias, a auto-inserção do contador em sua narrativa (ainda que não tenha vivido o evento narrado diretamente) como uma prática usual e plenamente aceita pela audiência. A performance em primeira pessoa, ao mesmo tempo em que aproximaria narrador e ouvintes, facilitaria a passagem da experiência ordinária para um nível de significação metafórico mais amplo, de acordo com os padrões de representação reconhecidos pela cultura em questão. Neste sentido, concordo com Okpewho (2003: 225, 226), quando propõe que, ao invés de obedecermos às aspirações puristas características do pensamento científico ocidental, sobretudo em relação ao valor histórico (relacionado à verdade) das narrativas, devemos reconhecer os imperativos estéticos e pragmáticos que guiam os atos narrativos nas culturas orais.

O importante aqui é perceber a ambiguidade, poder-se-ia dizer ontológica, do caso, pois ele está sempre, como vimos, **entre** o fato real e a mentira, mas não deve ser considerado exclusivamente nem um nem outro. Neste contexto, portanto, as noções de verdade e mentira se mesclam, se confundem e, assim como diz Turner em relação aos conceitos de realidade e ficção, “são noções que variam de acordo com o contexto” (1981:144). Caso e mentira ocupam frequentemente o mesmo espaço e podem, inclusive, aparecer confundidos. Um e outro podem ser melhor definidos, porém, a partir do contexto no qual são contados.

APRENDENDO A MENTIR

Joãozinho - Ela vai ter que ir lá no Pedro Mentira, lá fora.
Seu Rubem - No Pedro Mentira?
Joãozinho - O Pedro Mentira o senhor conhece, né?
Seu Rubem - Ah, conheço...
Joãozinho - Tem o Pedro Mentira, e depois tem essa parte mais histórica, né...
Seu Rubem - Aqui só mentem!
Joãozinho - Eles podem até mentir, mas faz parte da cultura, né. Nós temos que ir no Pedro... Ver tanto causos como esses cuentos de parentescos...
[roda de causos em Caçapava do Sul/RS/Brasil]

Contadores como Pedro mentira “podem até mentir, mas faz parte da cultura, né”. E se a mentira faz parte da cultura ela pode ser aprendida.

Ao longo de minha pesquisa de campo percebi que a mentira ocupa uma posição importante no universo narrativo da região, tanto nomeando alguns contadores, como o “Pedro Mentira”, quanto qualificando suas narrativas. As grandes mentiras são, inclusive, aguardadas e desejadas pela audiência, especialmente em ocasiões em que há o encontro de grandes contadores, tomando muitas vezes um tom de jogo ou desafio (quem mente mais e melhor, ou seja, quem tem uma performance mais convincente). Isso me fez chegar em

Schechner (1988), que considera que o jogo (play) permeia todo comportamento performativo e, como um conjunto múltiplo e subversivo de estratégias, que inclui trapaças, paródias, sátiras e ironias, vai conferir um status ontológico para a mentira. Segundo o autor, num estado de fecunda decepção, os seres humanos inventaram mundos irreais (como mundos ainda não criados). Performance (e a mentira, poderíamos pensar) seria a maneira com que estes mundos tomam forma concreta no tempo e no espaço, expressos através de gestos e palavras.

Considerando que na região enfocada a mentira é performatizada na forma de um desafio, um jogo entre contadores e ouvintes, podemos concluir que ela cria interesse sobre as narrativas. Ao introduzir seu caso como uma mentira – ou como o contrário desta – o contador cria expectativas, dá margem a interpretações que podem ser tanto individuais quanto coletivas. Para compreender esse processo, precisamos participar da “comunidade de prática” (Lave, 1996) da mentira, que nos possibilitará aprender a ouvir e, quem sabe, aprender a mentir...

O contato com a teoria da aprendizagem baseada na teoria da prática social, desenvolvida por Jean Lave, e com seu conceito-chave de “aprendizagem situada”, mostrou-se bastante operativo para compreender o processo de transmissão e aprendizagem da mentira na fronteira. Esta abordagem considera que o conhecimento não se constitui de forma abstrata e descontextualizada, apenas como um processo mental, mas como um processo colaborativo que emerge de situações e contextos específicos. Na perspectiva da aprendizagem situada se observa o impacto do contexto social na aprendizagem, por meio da interação e da observação (ou imitação).

Voltando às performances de casos, se colocássemos numa balança as narrativas de assombro e as anedotas (dois extremos, uma séria, outra cômica), poderíamos pensar que as primeiras penderiam mais para a verdade e as segundas mais para a mentira, mas será que esse é o ponto mais interessante para refletir?

Enquanto a anedota prepara o ouvinte para ouvir algo difícil de acreditar, estabelecendo um jogo ou um pacto de sociabilidade e troca entre contador e ouvinte, que deve culminar invariavelmente em riso e prazer mútuo, a narrativa de assombro prepara o ouvinte para uma realidade possível, estabelecida pela própria organização estilística da narrativa e pela performance do contador. Ouvir, assim, não me prepara apenas para viver uma situação de assombro mas, sobretudo, para contá-la no registro socialmente estabelecido e compreendido (Hymes, 1972).

Nesta fronteira os casos de assombro incluem histórias de mulher de branco, lobisomem, bruxa, mula-sem-cabeça e outras aparições. Remetem sempre a experiências vividas pelo contador ou ouvidas de uma pessoa próxima, normalmente um parente ou compadre. Ainda que muitos destes casos se repitam com a mesma estrutura narrativa em diferentes contextos, durante as suas performances eles sempre são referidos como experiências reais:

Ah, essa história... eu não sei se é verdade... deve ser, porque o meu cunhado não ia mentir quando tava a minha irmã junto confirmando a história. Diz que lá... eles moram na serra, diz que sempre aparecia o lobisomem por lá, sempre tinha... era tipo um cachorro, nas galinha de noite, que ele vem no galinheiro. Um dia conseguiram pegar ele e botaram corrente e... e cadearam tudo nele. E deixaram ele preso lá, numa área assim. Diz que outro dia quando eles levantaram, cedo, era o tio do meu cunhado que tava preso lá. [Gringa – Uruguaiana/RS/Brasil – 1998]

Para muitos contadores os causos de assombração já não motivam o mesmo espanto porque as próprias assombrações não ocorrem mais da mesma maneira: “Esses causo assim, essas coisa assim... Isso existia, mas agora já tá desaparecendo, o pessoal já tá mais ou menos... Tem muita revista que se cuenta, né, entonce... eles tão analisando essas cõsa. Que na sexta-feira santa...” (Seu Ordálio, 88 anos - Uruguaiana) Para outros, a perda do medo está relacionada com a iluminação das estâncias, casas e estradas: “antes não tinha luz, só a do fogo”, tanto que as assombrações que ainda aparecem vêm sempre relacionadas à noite e aos locais escuros: “De noite nessas estância diz que havia muita coisa!” A experiência nesse contexto onde todos tiveram relações com algum tipo de assombro me preparou, de alguma forma, para vive-los e/ou performatizá-los, preservando sua ambiguidade intrínseca.

O fato de ter escutado histórias de assombro possibilitou o alicerce necessário para vivenciar esse universo na prática. Participar dessa “comunidade de prática” habilita a ouvir e narrar causos, verdades e mentiras em suas fronteiras borradas, suas bordas difusas. Penso que essa aprendizagem, que se dá em diversos níveis e formas, só se efetiva na experiência concreta, do viver e/ou do narrar. Sendo assim, posso assumir neste momento: dentre as histórias que conto, algumas eu realmente vivenciei. Outras são mentira.

BIBLIOGRAFIA:

AMADO, Janaína. 1996. “O Grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em História Oral”. **História**, 14. pp. 125-136.

BAUMAN, Richard. 1986. “Any man who keeps more’n hound’ll lie to you”: a contextual study of expressive lying. In: **Story, performance and event**. New York: Cambridge University Press.

COLOMBRES, Adolfo. 1998. Oralidad y literatura oral. **Oralidad - lenguas, identidad y memoria de América**. La Habana. n. 9.

HARTMANN, Luciana. 2009. Tradições orais e performance na fronteira entre Brasil, Argentina e Uruguai. In: BRUM, Ceres K.; MACIEL, Maria Eunice; OLIVEN Ruben George (orgs.). **Expressões da Cultura Gaúcha**. Santa Maria/RS: Editora da UFSM.

HYMES, Dell. 1972. Models of the interaction of language and social life. In: HYMES, D.; GUMPERZ (orgs.) **Directions on Sociolinguistics**. New York, Holt, Rinehart and Winston.

LAVE, J. 1996. Teaching, as Learning, in Practice. **Mind, Culture, and Activity**. v.3, n.3, p. 149-164.

OKPEWHO Isidore. 2003. Oral Tradition: Do Storytellers Lie? **Journal of Folklore Research**, v. 40, n. 3, p. 215-232.

SCHECHNER, Richard. 1988. **Performance Theory**. New York and London, Routledge.

TURNER, Victor. 1981. Social Dramas and Stories about Them. In: MITCHELL, W. J. T. (org.) **On Narrative**. Chicago: University of Chicago Press.

i Não poderia deixar de citar o inspirador artigo de Janaína Amado (1995), *O Grande Mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral*, no qual a autora argumenta a favor dos depoimentos “mentirosos”. Estes, segundo ela, podem conter dimensões simbólicas extremamente importantes, pois “o simbólico expõe as relações entre as diversas culturas, espaços e grupos sociais pelos quais a narrativa transita; é justamente ele que permite à narrativa, sem perder o fio condutor, libertar-se das amarras do real para aventurar-se, em liberdade, pelos caminhos do imaginário.” (p. 134)

ii Me dediquei mais detidamente às categorizações êmicas dos causos em Hartmann (2009).